

AMANDA ECHEVESTE DE ANDRADE

A HISTÓRIA DE BOUDICA, A RAINHA GUERREIRA

PORTO ALEGRE

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

A HISTÓRIA DE BOUDICA, A RAINHA GUERREIRA

AUTORA: AMANDA ECHEVESTE DE ANDRADE

ORIENTADORA: SANDRA SIRANGELO MAGGIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Porto Alegre,
2019**

CIP - Catalogação na Publicação

Andrade, Amanda Echeveste de
A HISTÓRIA DE BOUDICA, A RAINHA GUERREIRA / Amanda
Echeveste de Andrade. -- 2019.
50 f.
Orientadora: SANDRA SIRANGELO MAGGIO.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Cultura inglesa. 2. Boudica/Boadicea. 3. Gênero
e cultura. 4. Representações do feminino. I. MAGGIO,
SANDRA SIRANGELO, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Minha orientadora, Sandra Maggio, pela paciência, atenção, carinho e dedicação. Se eu não desisti foi por causa dela.

Minha família e meus amigos.

***“But I'm not a lady.
I never have been.
That's not me.”***

Arya Stark, Game of Thrones.

RESUMO

A história da Inglaterra está repleta de nomes importantes conhecidos pelo mundo afora e que inspiraram inúmeras obras literárias clássicas e filmes famosos. Mas a presente monografia não é sobre eles, é sobre uma chefe de clã celta relativamente ignorada que liderou uma rebelião contra os romanos no século I. Apesar de essa guerreira haver provocado um incêndio que destruiu Londres, os registros históricos não informam quando exatamente isso ocorreu, nem se o seu nome era Boadicea ou Boudica, tampouco contam se ela foi morta ou suicidou-se. O objetivo deste estudo é investigar os motivos dessa invisibilidade histórica de Boudica. Como lastro teórico, utilizo relatos de dois historiadores romanos, Dião Cássio e Tácito, contemporâneos de Boudica, bem como textos de Taís Pagoto Bélo, que analisam o mito de Boudica a partir dos estudos de gênero. O trabalho está estruturado em 3 seções. Na primeira, é apresentada a visão dos romanos Cornélio Tácito e Dião Cássio, responsáveis pelos relatos mais antigos sobre Boudica. Na segunda seção, através de relatos históricos, a figura de Boudica é aproximada do ideal feminino criado ao longo da Idade Média. A terceira seção do trabalho apresenta uma análise atual de Boudica feita por Taís Pagoto Bélo, doutora pela Universidade Estadual de Campinas, numa perspectiva epistemológica própria do século XXI. Ao término desta pesquisa, espero que o trabalho se configure como uma contribuição tanto para os estudos sobre Boudica quanto para discussões sobre relações de gênero, relações de poder e sobre as formas de representação do feminino em sociedades patriarcais.

Palavras-chave: 1. Cultura inglesa. 2. Boudica/Boadicea. 3. Gênero e cultura. 4. Representações do feminino.

ABSTRACT

The history of England is stuffed with important worldwide known names, who have inspired countless classical literary works and famous films. But this monograph is not about them, it is about a relatively ignored Celtic clan chief who led a rebellion against the Romans in the first century. Although this warrior had provoked a fire that destroyed London, historical records do not specify when exactly this occurred, nor if the name of the said person was Boadicea or Boudica, or if she was killed or committed suicide. The purpose of this study is to investigate the reasons for Boudica's historical invisibility. As a theoretical background, I rely on reports by two Roman historians, Dio Cassius and Cornelius Tacitus, roughly contemporaries of Boudica, as well as on texts by present day author Taís Pagoto Bélo, who analyzes the myth of Boudica through gender studies. The work is structured in 3 sections. In the first, the vision of the Romans Cornelius Tacitus and Dio Cassius, responsible for the earliest reports about Boudica, is presented. In the second, the figure of Boudica is approximated, through historical accounts, to the feminine ideal created during the Middle Ages. The third section of the monograph presents a current analysis of Boudica made by Taís Pagoto Bélo, a PhD from the State University of Campinas, in an epistemological perspective typical of the 21st century. At the end of this research, I hope that the work provides a contribution both to the studies about Boudica, and to discussions about gender relations, power relations, and on the forms of representation of the feminine in patriarchal societies.

Keywords: 1. English culture. 2. Boudica/Boadicea. 3. Gender and culture. 4. Representations of the feminine.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE TÁCITO E DIÃO CÁSSIO, CIDADÃOS ROMANOS	12
1.1 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE TÁCITO.....	12
1.2 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE DIÃO CÁSSIO	15
1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VISÕES DE TÁCITO E CÁSSIO	19
2 BOUDICA: LEGÍTIMA, CRIA, E DESCONSTRÓI O IDEAL FEMININO	22
2.1 BOUDICA E OS ROMANOS	22
2.1.1 O Legado de Roma.....	22
2.1.2 As Questões de Gênero	25
2.2 BOUDICA DEPOIS DO IMPÉRIO ROMANO:	27
2.2.1 Os Anglo-saxões e os Normandos.....	27
2.2.2 Os Papéis de Gênero na Idade Média.....	28
2.3 O IDEAL DO AMOR CORTÊS	29
2.4 BOUDICA E A RENASCENÇA INGLESA.....	31
3 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE TAÍS PAGOTO BÉLO, HISTORIADORA DO SÉCULO XXI	35
3.1 BOUDICA, POR BÉLO	35
3.1.1 Representação Contemporânea de Boudica	36
3.1.2 Movimento Feminista	38
3.1.3 Monumentos em Homenagem a Boudica	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46

LISTA DE IMAGENS

01	Imagem 1: Boudica discursando para seu povo	16
02	Imagem 2: Boudica como representação do feminino	24
03	Imagem 3: Britannia	33
04	Imagem 4: Boadicea Monument	34
05	Imagem 5: Charge sobre Margaret Thatcher	37
06	Imagem 6: Banner comemorativo das sufragistas (1908)	39
07	Imagem 7: Grupo <i>Climate Rush</i> se reúne no monumento em homenagem a Boudica	39
08	Imagem 8: Carimbo dos correios em homenagem a Boudica	40
09	Imagem 9: Monumento de Boudica no Marble Hall, em Cardiff	41
10	Imagem 10: Estátua de Boudica em Colchester	42
11	Imagem 11: Monumento de Boudica na prefeitura de Colchester	43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Analisar o passado é uma tarefa complexa, uma vez que estamos contaminados com os pensamentos da época em que vivemos. Além disso, quem nos conta o passado também tem suas próprias contaminações, vivências e verdades.¹ Soma-se a isso a falta de evidências históricas que, por vezes, são apagadas por outros povos – isso pode ocorrer inadvertidamente, ou com o propósito de exterminar a memória da cultura de um grupo subjugado. Por essas e outras razões, a história da cultura celta ainda é uma incógnita em muitos aspectos. Na história da Inglaterra, os celtas também são conhecidos como bretões, ou gauleses. Os celtas dividiam-se em tribos, e a inspiração para este trabalho vem da tribo dos icenos, localizada na costa leste, no sul da Inglaterra, perto de Canterbury, no atual condado de Norfolk.

Em registros deixados sobre a história do povo iceno encontramos a personalidade feminina que é o objeto desta monografia, a figura de Boudica, ou Boadicea, que está no centro da presente discussão. Boudica é retratada historicamente como a Rainha Guerreira. Apesar do uso do termo “rainha”, convencionalmente adotado com referência a Boudica, é importante lembrar que ela viveu no século I, época muito anterior ao Sistema Feudal. Trata-se, de fato, de uma comunidade agrícola, uma tribo que tem como chefes de clã Prasutago e sua esposa Boudica.

Durante um período de tempo indefinido – entre um ano e meio e três anos – Boudica liderou uma rebelião contra os romanos, que dominavam a Inglaterra (que eles chamavam de Britânia). No ano 60 d.C., quando o marido de Boudica, Prasutago, morreu, ele a nomeou, juntamente com suas duas filhas, suas sucessoras como chefes da tribo, sob a proteção do Império Romano. Isso foi feito com base em acordos quando os icenos haviam sido subjugados pelo exército de Roma. Para os celtas, que vinham de uma cultura matriarcal, não havia problema em terem uma líder mulher. Para os romanos, por outro lado, isso não fazia sentido. De forma que, após a morte de Prasutago, a história se tornou trágica.

Os romanos, ignorando o trato firmado, tomam posse do território, açoitam Boudica e violentam suas filhas. A rainha celta, enfurecida e inconformada, dá início a um levante, que os romanos não levaram a sério por se tratar de uma mulher em uma

¹De acordo com Foucault, nos posicionamos frente ao mundo através do paradigma de nossa época, que determina a forma como questões éticas, históricas, científicas e políticas são compreendidas (FOUCAULT, 2000).

tribo insignificante. Contudo, dadas as proporções do massacre que se seguiu, grande foi o erro dos romanos ao subestimarem a força de Boudica.

Procurando por justiça, Boudica se rebelou contra os romanos, o que desencadeou uma série de conflitos até que a rainha fosse derrotada. Por mais que a história de Boudica tenha terminado com um fracasso, a líder dos icenos perpetuou sua figura no tempo, ainda que alguns autores tenham tentado demonizá-la, como veremos em Cornélio Tácito e Dião Cássio. Além disso, Boudica trouxe para a discussão de gênero uma forte representação de luta pelos direitos das mulheres, antes mesmo de se ter noção do que isso queria dizer, ou o peso disso para os dias de hoje. Muito mais que uma luta por vingança ou reconhecimento de liderança, a história de Boudica demonstra a força feminina que, por muitos anos e ainda hoje, tende a ser controlada. Por isso, o objetivo deste trabalho é resgatar a memória de Boudica, para demonstrar a importância dessa personagem dentro da história das mulheres, da literatura e das artes.

1 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE TÁCITO E DIÃO CÁSSIO, CIDADÃOS ROMANOS

Muitos são os relatos sobre Boudica, a Rainha Guerreira. Mas os mais antigos – e que servem de guia para a presente pesquisa – são os de Cornélio Tácito e os de Dião Cássio. O primeiro viveu 64 anos, entre 56 d.C. e 120 d.C. Foi um político e historiador que, destacando-se por sua oratória, exerceu o cargo de tribuno militar (CEOLA; VENTURINI, 2013). Obteve títulos como pretor, questor, cônsul, e pró cônsul, durante os governos dos imperadores Flaviano e Antonino. Também foi senador no governo de Domiciano. Seu casamento com a filha do cônsul Júlio Agrícola alavancou sua carreira política. Fora isso, o que se sabe sobre esse historiador são fragmentos do que é encontrado em suas obras (OGAWA, 2017). Tácito faz referências a Boudica nas obras *Agrícola* (98 d.C.), e *Anais* (117 d.C.), apresentando informações que foram de suma importância para esta análise.

Dião Cássio nasceu 35 anos após a morte de Tácito, e viveu 80 anos, entre 155 d.C. e 235 d.C. Ele é o autor de *História de Roma*, obra que cobre o período entre 69 a.C. e 229 d.C. (LIMA, 2017). É natural da região de Bitínia e descende de uma das famílias fundadoras da cidade-estado bizantino-grego de Niceia. Esses territórios hoje integram a atual Turquia (BARNES, 1984). Foi para Roma após a morte de seu pai (um senador romano que governou a Sicília e a Dalmácia).

Em Roma, Cássio ocupou cargos importantes. Foi membro do Senado e conselheiro do imperador. Lá ele escreveu, em grego, *História de Roma*, obra concebida a partir de uma perspectiva aristocrática. As vivências de Cássio se refletem em seu trabalho, no qual se percebe grande preocupação em proteger os territórios romanos contra invasões e levantes (AALDERS, 1986). É ali que são feitas as referências de Cássio a Boudica.

1.1 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE TÁCITO

Tácito informa que Boudica, a rainha dos icenos, foi casada com Prasutago e viveu no primeiro século depois de Cristo, época em que o Império Romano dominou a ilha da Britânia. Segundo o historiador, Boudica não teve nenhuma participação no acordo que seu marido firmou com os romanos. Após a morte do marido, Boudica, a viúva de Prasutago, liderou uma revolta fracassada contra Roma. Dessa rebelião, três são as versões encontradas, sendo duas delas escritas por Tácito, uma em *Agrícola*,

(14.3–16.2) e outra nos *Anais* (14.29–39). De acordo com o autor, o motivo da rebelião começa quando Prasutago deixa suas duas filhas e o imperador Nero como herdeiros da herança, presumivelmente como uma forma de proteger sua descendência. Os resultados dessa ação foram exatamente o oposto: os romanos saquearam seu reino; sua viúva, Boudica, foi chicoteada; e suas filhas foram estupradas. Além dos maus-tratos à família de Prasutago, "homens-chefe" entre os icenos tiveram suas propriedades ancestrais confiscadas (TÁCITO, 2004).

Tácito apresenta o discurso de Boudica para suas tropas. O autor remete ao que foi dito pela rainha dos icenos em forma de discurso indireto:

Quando Boudicca, trazendo as filhas à sua frente em uma biga, se aproximava de cada tribo, ficava claro que os bretões estavam acostumados a guerrear sob a liderança de mulheres. Mas desta vez ela não vinha como uma descendente de ancestrais nobres, para vingar seu reino e seu poder. Vinha como uma bretã, para lutar pela sua liberdade perdida, por seu corpo agredido a chicotadas, pelos crimes perpetrados contra a castidade de suas filhas. Os desejos dos romanos haviam avançado a ponto de não deixarem escapar corpos, nem mesmo os das anciãs ou os das donzelas. Ainda assim, os deuses estavam ajudando sua justa vingança: a legião que ousara batalhar havia caído; os restantes estavam se escondendo no acampamento ou procurando por uma fuga. Não suportavam o estrondo e o clamor dessas milhares de vozes, muito menos sua fúria e violência. Se considerassem a quantidade dessas tropas e os motivos da sua guerra, saberiam era caso de dominar ou cair. Esse era o desígnio de uma mulher: os homens poderiam viver – para serem escravizados (TÁCITO, 2004, p.291, tradução nossa)².

Apesar do discurso, Tácito fala muito pouco, em detalhes, das batalhas. Após destruir Londinium com fogo e cruces, Boudica marcha para Verulamium. O autor resume o massacre com palavras genéricas que traduzem o horror que foi a rebelião chegando ao seu mais trágico fim:

Houve o mesmo desastre no município de Verulamium, porque os bárbaros, negligenciando as fortalezas e guarnições das forças armadas, e tão empolgados com a vitória quanto estavam cansados para batalha, procuraram as áreas mais férteis para um despojador e desprotegidas pelos defensores. Foi acordado que cerca de setenta mil cidadãos e aliados caíram nos lugares que eu recordei. Não houve nem captura, nem venda ou qualquer outra característica do comércio de guerra, mas eles aceleraram o abate, os assaltos, o fogo e as cruces – como se estivessem destinados a pagar em represálias, mas

² No texto consultado: “As Boudicca, carrying her daughters before her in a chariot, approached each tribe, she testified that it was of course customary for the Britons to take the field under female leadership; yet now she was not, as one sprung from great ancestors, avenging her kingdom and wealth but, as one of the people, her lost freedom, her body battered by beatings, and the abused chastity of her daughters. The desires of the Romans had advanced to the point where they left no bodies, not even old age or virginity, unpolluted; yet the gods were assisting their justified vengeance: the legion which had dared battle had fallen; the rest were concealing themselves in camp or looking around for flight: they would not bear even the noise and shouting of so many thousands, still less their assault and brawn. If they weighed up within themselves their resources in armed men and their reasons for war, they must conquer in that line or fall. That was the design of a woman; the men could survive—and be slaves!”.

enquanto isso antecipavam a vingança (TÁCITO, 2004, p.291, tradução nossa)³.

Após derrotar os romanos em Camulodunum, Londinium e Verulamium, enquanto o exército de Boudica avançava, Suetônio Paulino (general romano) conduzia suas tropas ao encontro da rainha, ainda que em menor número, decidiu encarar Boudica. Sacrificando seu povo, ignorou os pedidos de ajuda de mulheres e crianças, a fim de atingir o objetivo de derrotar a rainha dos icenos. Segundo Tácito, os bretões estavam muito confiantes e traziam suas mulheres para que elas presenciassem sua vitória, o que não ocorreu, pois Suetônio foi responsável pela derrota de Boudica (TÁCITO, 2004). Apesar dos relatos, não se sabe exatamente onde foi a última batalha travada por Boudica.

Analisando o discurso que Boudica faz no relato de Tácito, há razão para duvidar da historicidade da fala. A questão levantada é que não há provas de que Tácito sabia do que estava falando. A. J. Woodman, tradutor para o inglês da obra utilizada nesta pesquisa e autor da introdução dos *Anais* questiona: “como ele poderia saber o que foi dito por uma rainha britânica em uma língua estrangeira em um país distante cinquenta e cinco anos antes?” (WOODMAN, 2004, p. XVI). É por essa razão que não se tem certeza do quão verídicos são esses fatos, pois fica claro que a personalidade mencionada está submetida a um processo de ficcionalização.

O mais provável é que Tácito tenha iniciado o discurso sobre Boudica dessa maneira para esclarecer que, no princípio, os romanos não se deram conta de que estavam lidando com um povo que, ao contrário dos romanos, se engajaria em batalhas sob a liderança de uma mulher (ADLER, 2008). Menosprezaram Boudica porque ela era uma mulher. Tácito, em *Agricola* (2013), também informa que os celtas não distinguiam o sexo na hora de nomear seu/sua comandante. Uma vez que os bretões sabiam muito bem o que era ou não era habitual para o seu povo, fica claro que as explicações estão sendo dadas para os leitores romanos, que desconheciam as práticas dos povos dominados. Além disso, no trecho aludido Boudica desce do pedestal da nobreza. Seu

³ No texto consultado: There was the same disaster for the municipality of Verulamium, because the barbarians, neglecting the strongholds and garrisons of the military, and as delighted by plunder as they were sluggish fortoil, sought out the areas most fruitful for a despoiler and unprotected by defenders. It has been agreed that about seventy thousand citizens and allies fell in the places which I have recalled. There was neither capturing nor selling or any other feature of the trade of war, but they speeded up their slaughtering, gibbets, fire, and crosses—as though destined to pay in reprisals, but in the meantime preempting revenge.

argumento é mais o de uma mulher celta indignada do que o de uma rainha soberba e distante. Tácito a retrata como uma mãe de família injustiçada (ADLER, 2008).

Ao narrar a história de Boudica o historiador a colocar em evidência, expressando mesmo admiração em várias passagens. Ainda assim, Tácito não a reconhece como rainha. Em *Agrícola* e em *Anais* ele se refere a Boudica como “a esposa de Prasutago, o rei dos iceni” (2013) ou “uma mulher de descendência real” (2004, p.289) sempre a chamando apenas de Boudica. Outra questão interessante que transparece é a crença do autor de que, por ser mulher, Boudica estava fadada a ser derrotada no final, porque, para ele os romanos lutavam como homens destemidos (TÁCITO, 2013).

Os relatos de Tácito explicam de que maneira as ações violentas dos romanos transformaram uma tribo – que a princípio estava disposta a se unir ao Império e a pagar seus impostos – em inimigos implacáveis que acenderam uma chama de ressentimento que quase comprometeu o domínio romano sobre a ilha, e que acabou custando milhares de vidas, tanto as de soldados romanos quanto as de homens, mulheres e crianças Britânia (FIELDS, 2011).

Seguindo a linha de raciocínio de Tácito, encontraremos em Boudica um espírito ressentido, próprio das formas femininas de sentir. Contudo, ele afirma que nunca saberemos ao certo o que passou pela cabeça daquela mulher antes de tomar a decisão de se insurgir contra os romanos. Ela teve duas escolhas: atacar ou não atacar. Ao se decidir pela vingança ela teve de ir para a guerra (FIELDS, 2011). O que se sabe do final dessa história, de acordo com Tácito (2004), é que Boudica terminou por dar fim à própria vida ingerindo veneno.

1.2 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE DIÃO CÁSSIO

História de Roma é uma obra extensa, de 80 tomos, escrita em grego antigo por Dião Cássio ao longo de 22 anos. Cobre um período de quase mil anos, iniciando com a fundação mítica de Roma (com a chegada de Eneias) e se aprofundando nos períodos que vão desde a era de Júlio César (58 a 44 a.C.), através dos impérios de Otávio Augusto (27 a.C. a 14 d.C.), Tibério (14 a 37 d.C.), Calígula (37 a 41 d.C.), Cláudio (41 a 54 d.C.), Nero (54 a 68 d.C.), Vespasiano (69 a 79 d.C.), Tito Flávio (79 a 81 d.C.), Domiciano (81 a 96 d.C.), Trajano (98 a 117 d.C.), Adriano (117 a 138 d.C.), Antônio Pio (138 a 161 d.C.), Marco Aurélio (161 a 180 d.C.), Cômodo (177 a 192 d.C.),

Septímio Severo (193 a 211 d.C.), Caracala (198 a 217 d.C.), até Alexandre Severo (222 a 235 d.C.).

Tendo em vista que Dião Cássio viveu entre 155 e 229 d.C., os fragmentos de sua obra que chegaram até os dias atuais contêm pouca informação sólida. O que temos é uma narrativa pessoal que reflete a maneira como os fatos lhe foram passados. O nosso objeto de interesse para este trabalho está no livro 62 da *História de Roma*, no qual Boudica é apresentada. O livro 62 que deve ter sido escrito por volta de 223 d.C.



Imagem 1: Boudica discursando para o seu povo

Fonte: FIELDS, 2011, p.48

Uma vez que a primeira referência a Boudica feita por Cornélio Tácito, em *Agrícola*, é do ano 98 d.C., verifica-se um intervalo de 125 anos entre as construções dos dois historiadores. Assim, podemos concluir que a Boudica de Cássio reflete uma memória social de como essa história se cristalizou no imaginário popular romano. (LIMA, 2017).

Dião Cássio contextualiza à sua maneira os fatos que levaram Boudica a se rebelar, fatos já mencionados anteriormente neste trabalho. Após reunir seu exército, Boudica aniquilou várias cidades construídas pelo Império e matou muitos cidadãos

romanos. Por causa desse rastro de destruição, o governador da Britânia, Suetônio Paulino, se mobilizou para defender Londinium (Londres) que Boudica atacava, porém sem sucesso. Ainda que em número menor, os romanos conseguiram massacrar os bretões (CÁSSIO, 1995).

A visão de Cássio sobre os motivos que levaram Boudica a se insurgir diferem dos apresentados por Tácito, que dizia que Prasutago deixou suas filhas e as terras dos icenos sob a proteção do Imperador Nero, e que os romanos descumpriram o acordo, além de violentarem as filhas de Boudica. (TÁCITO, 2004).

Para Cássio, os motivos que levaram Boudica ao campo de batalha foram outros três. O primeiro é o fato de o procurador Cato Deciano haver confiscado o dinheiro que o imperador Cláudio havia concedido anteriormente aos bretões. O segundo é uma cobrança feita por Sêneca, o Jovem⁴, que exigia a devolução de quarenta milhões de sestércios (antiga moeda romana) que ele havia emprestado aos habitantes da ilha. O terceiro é o próprio desejo de vingança por parte de Boudica que, para Cássio, é o principal motivo para a revolta (CÁSSIO, 1995).

Cássio coloca a responsabilidade sobre o ocorrido mais em Boudica e em seu povo do que nos romanos. Em um arrazoado ele declara, através do discurso de Boudica, que ela teria consciência de que os bretões foram os próprios responsáveis pelo mal que se abateu sobre eles porque confiaram demais nos romanos, deixaram os romanos conviver pacificamente entre eles, ao invés de os expulsarem de saída (CÁSSIO, 1995). Esse pensamento exposto por Boudica em seu discurso tem mais clamor enobrecedor do que verdadeiro, uma vez que os britânicos (bretões) não teriam como colocar os romanos para fora de sua terra àquela época (ADLER, 2008), conforme é possível visualizar no discurso da rainha:

Mas, para falar a verdade pura e simples, somos nós que nos responsabilizamos por todos esses males, pois permitimos que eles pusessem os pés na ilha, em vez de expulsá-los imediatamente, como fizemos com seu famoso Júlio César. Sim, e não lidamos com eles enquanto eles ainda estavam distantes, enquanto lidávamos com Augusto e com Caio Calígula e tentávamos até mesmo navegar para cá como uma coisa formidável. Como consequência, embora habitemos uma ilha tão grande, ou melhor, um continente, pode-se dizer que é cercado pelo mar e, embora tenhamos um

⁴ Sêneca foi parar em Roma quando ainda era criança para estudar oratória e filosofia. Após se envolver com Júlia, irmã de Calígula e sobrinha do imperador Cláudio, foi exilado. O retorno a Roma só foi possível por intermédio de Agripina, sua esposa. Foi o principal conselheiro do imperador Nero (PASCHOAL, 2007). Além disso, Dião Cássio (1995) esclarece que Sêneca obrigou os habitantes da ilha a pegar emprestado os 40.000.000 sestércios, tendo esperança de receber uma boa taxa de juros, mas acabou cobrando a dívida de uma vez só, exigindo-lhes de forma bruta.

mundo próprio e esteja tão separado pelo oceano de todo o resto da humanidade que nos foi acreditado habitar em uma terra diferente e sob um céu diferente, e que alguns do mundo exterior, sim, até mesmo seus homens mais sábios, até agora não sabiam com certeza até por que nome somos chamados, temos, apesar de tudo isso, sido desprezados e pisoteado pelos homens que não sabem nada além de como obter ganhos. Contudo, mesmo neste dia tardio, embora não tenhamos feito isso antes, deixemos a nós, nossos compatriotas e amigos e parentes, – pois eu considero todos vocês parentes, vendo que vocês habitam uma única ilha e são chamados por um nome comum, – digamos, façamos o nosso dever enquanto ainda nos lembramos do que é a liberdade, de que podemos deixar aos nossos filhos não só a sua denominação, mas também a sua realidade. Pois, se nos esquecemos completamente do estado feliz em que nascemos e fomos criados, o que, ora, farão, criados em cativeiro? (CÁSSIO, 1995, p.89, tradução nossa)⁵.

Cássio não se mostra simpático à causa dos rebeldes, e ressalta a barbárie e a sede de vingança dos bretões. Enquanto o relato de Tácito não se aprofunda sobre o que o exército de Boudica fez em guerra, Cássio descreve uma série de atrocidades. Entre os relatos, ele conta o episódio mais grotesco da parte dos bretões contra os romanos. Enquanto Tácito utiliza um discurso ameno, Cássio relata que os insurgentes despem as mulheres mais nobres para depois pendurá-las, decepar os seus seios e costurá-los em suas bocas. Após essa violência, eles também empalharam-nas em lanças (CÁSSIO, 1995).

Cássio não reconhece em Boudica uma figura feminina, ele a descreve de forma masculinizada. Deixa claro que em sua visão de uma sociedade sofisticada, os comportamentos masculino e feminino devem se distanciar, precisando haver uma separação dos papéis sociais desempenhados por mulheres e homens. Fica evidente que as ações ocorridas estão sendo avaliadas no contexto de uma sociedade romana patriarcal (LIMA, 2017). Nesse sentido, Joan Scott (1995) analisa como se constroem os significados culturais para as diferenças sexuais, uma vez que exista uma relação de hierarquia. Ou seja, quando Cássio discorre sobre a inteligência de Boudica, diz que ela

⁵ No texto consultado: But, to speak the plain truth, it is we who have made ourselves responsible for all these evils, in that we allowed them to set foot on the island in the first place instead of expelling them at once as we did their famous Julius Caesar, — yes, and in that we did not deal with them while they were still far away as we dealt with Augustus and with Gaius Caligula and make even the attempt to sail hither a formidable thing. As a consequence, although we inhabit so large an island, or rather a continent, one might say, that is encircled by the sea, and although we possess a veritable world of our own and are so separated by the ocean from all the rest of mankind that we have been believed to dwell on a different earth and under a different sky, and that some of the outside world, aye, even their wisest men, have not hitherto known for a certainty even by what name we are called, we have, notwithstanding all this, been despised and trampled underfoot by men who know nothing else than how to secure gain. However, even at this late day, though we have not done so before, let us, my countrymen and friends and kinsmen, — for I consider you all kinsmen, seeing that you inhabit a single island and are called by one common name, — let us, I say, do our duty while we still remember what freedom is, that we may leave to our children not only its appellation but also its reality. For, if we utterly forget the happy state in which we were born and bred, what, pray, will they do, reared in bondage?

é uma mulher mais inteligente do que as demais. Fica evidente que isso não é um elogio para nenhuma das partes: a maioria das mulheres não é (e não deve ser) inteligente; e Boudica é uma aberração. Não é isso que se espera de uma mulher na sociedade romana de Cássio.

Em sua análise do Capítulo 2 do livro de Dião Cássio, Bruno Lima (2017) observa que o historiador apresenta Boudica como uma mulher de falar grosso, que pisa forte e rosna para intimidar seus adversários. Para Lima, o que Cássio desenvolve no seu discurso traduz a impressão do papel social da mulher que ele acreditava ser o correto. Essa visão é a que veio a predominar com o passar do tempo, forjando um conjunto de papéis de gênero que se definiram e ainda se mantêm vivos em vários aspectos até os dias atuais.

1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VISÕES DE TÁCITO E CÁSSIO

Tanto Tácito quanto Cássio utilizam o pensar retórico para contar a história de Boudica, através de suas visões de mundo. O problema se encontra no fato de que os dois autores foram as únicas fontes de informação sobre a rainha guerreira, e muitos pesquisadores não levam em conta que os escritos antigos são formados por diálogos que, provavelmente, não ocorreram, como o discurso de Boudica em Tácito, por exemplo (BRAUND, 1996).

Para Cássio, Boudica era uma estrangeira alta, com aparência aterrorizante, de olhar feroz, voz dura e possuidora de cabelos ruivos compridos. Boudica estava envolvida em uma revolta que tinha por motivos questões políticas e a busca pela libertação. Todavia, Cássio acreditava que a ruína que Boudica trouxe a Roma era vexatória, porque ela era uma mulher (CÁSSIO, 1995). É interessante notar como a abordagem de Cássio difere da de Tácito. Boudica aqui não é a mulher prejudicada que Tácito apresenta, pois Cássio enfatiza as características bárbaras da rainha, e oferece uma descrição física de Boudica.

O discurso de Boudica, na perspectiva de Cássio, mostra o encorajamento que ela queria passar para o seu povo. Ela dizia aos celtas para não temerem os romanos, pois o exército romano precisava de armadura, muros defensivos e trincheiras para se proteger, e eles não (CÁSSIO, 1995). Apesar desse discurso, contudo, o exército de Boudica não foi páreo para a força romana.

Outra disparidade entre os relatos de Tácito e Cássio é a forma como a Rainha Guerreira termina seus dias. Enquanto Boudica se envenena na obra de Tácito, para

evitar a rendição (TÁCITO, 2004), para Dião Cássio ela morre em consequência de uma doença (CÁSSIO, 1995).

Ambos os escritores são romanos, mas seus relatos diferem em tom. Isso pode ter acontecido porque eles têm estilos e ideias diferentes, ou porque ocorreu um processo paulatino de afastamento de Boudica, dos celtas ou de habitantes de qualquer colônia no espaço de tempo que separa os dois relatos. Tácito conta a história de Boudica como uma mulher de seu povo, cuja liberdade foi perdida, que sofreu humilhações intoleráveis. Ele adota essa perspectiva e aponta as injustiças romanas através da lente de gênero, afirmando e reconhecendo as acusações de abuso e de estupro. Quando Dião Cássio se apropria da narrativa, ele desautoriza a vingança de Boudica – que até pode ter iniciado legitimamente, mas que perdeu a razão por causa dos extremos de violência praticados pelos bretões.

Em relação aos escritos, nota-se nos dois casos uma certa depreciação a respeito do que Boudica representou, uma vez que os dois autores estão inseridos em um contexto patriarcal, o de Roma daquela época. Dentro da sociedade romana, as mulheres tinham seu poder limitado e não iriam para um campo de batalha, como fez a personagem principal desta história. O olhar de Tácito é condescendente, e por essa razão sua força acaba sendo diminuída. Cássio, por sua vez, não consegue conceber que uma mulher possa ser forte e ao mesmo tempo feminina. Por isso, ele a descreve como masculinizada, com voz e armas de homem e excessivamente agressiva. Os dois acabam concluindo que o levante fracassou porque ela não sabia liderar um exército, ainda que fosse mais inteligente que a média das outras mulheres.

Essa visão dos autores advém da concepção de família como base da organização da sociedade romana, que além das figuras de pai, mãe e filhos, abrangia também suas propriedades, como casa, escravos e animais. Como sua estrutura era patriarcal, isso significava que o chefe do clã familiar deveria ser sempre o pai (PAES, 1971).

As mulheres romanas casadas com homens públicos eram consideradas seres periféricos, pois, na concepção romana, não podiam contribuir ativamente nos assuntos de seus maridos. Elas eram “livres” para fazer o que quisessem, desde que não interferissem no meio público, ou seja, político (BROWN, 1989).

Se a mulher romana estava confinada no ambiente privado do casamento e era esquecida pelo meio público, a mulher celta possuía liberdade e direitos protegidos por

lei. As mulheres celtas eram tão altas quanto os homens, além de possuírem tanta coragem quanto eles (SAVINO, 2002).

Na antiguidade, os meninos e meninas celtas poderiam treinar para lutar com espadas e outras armas. Uma das mais famosas escolas de treinamento, localizada na Caledônia (que hoje é a Escócia), era dirigida por uma mulher chamada Scathach. Lá, ela foi responsável pelo treinamento do guerreiro mítico irlandês Cuchulaínn (SAVINO, 2002).

Embora os cargos públicos de poder fossem, em sua maioria, dos homens, as mulheres poderiam ocupar o posto de rainha, de líder. É aqui que encontramos Boudica, a personagem mais famosa a chegar na liderança de uma tribo celta (SAVINO, 2002).

Conclui-se, assim, que a forma como a história de Boudica é contada pelos dois autores revela coisas sobre a maneira como acontecimentos históricos eram registrados naquela época, sobre o distanciamento crescente entre as tribos dominadas e o Império Romano e sobre as estruturas sociais distintas desses dois povos. Mais ainda, as discrepâncias nos dois relatos deixam transparecer que, no contexto das obras escritas pelos dois historiadores, Boudica não era assim uma personagem tão importante. Liderou um levante, mas não venceu a guerra. As várias formas de se referirem ao seu nome mostram que ninguém se preocupou muito com quem ela era. Morreu de um jeito, ou de outro. Esse é um tipo de descaso para com a situação dos que não se encontram no centro das atenções, ou em situação de poder. Essa falta de interesse e de cuidado em conhecer a língua, a cultura, as motivações dos subalternos e dos marginalizados pode ser percebida em relatos de historiadores de todos os tempos. O que torna esses textos antigos um material muito rico para ser revisitado e pesquisado.

2 BOUDICA: LEGÍTIMA, CRIA, E DESCONSTRÓI O IDEAL FEMININO

Como os celtas não deixaram escritos sobre si mesmos, foi preciso um milênio passar antes que sua contribuição fosse devidamente reconhecida. Isso ocorreu aos poucos e, ao longo deste capítulo, espero apresentar as formas como sua mitologia e religião contribuíram para a formação da cultura e da literatura britânica.

2.1 BOUDICA E OS ROMANOS

2.1.1 O Legado de Roma

Os romanos retrataram os celtas como ferozes combatentes e magníficos cavaleiros. Denunciaram a selvageria de seus ritos religiosos conduzidos pelo sacerdócio dos druidas da Britânia. Deram ordem para que os carvalhos – ao redor dos quais os ritos druídicos eram realizados – fossem todos destruídos. De modo geral, os celtas eram conhecidos pelos exércitos romanos pela sua assustadora agressividade (FIELDS, 2011). As tribos eram compostas por clãs – famílias descendentes de um ancestral conhecido por algum feito relevante. As três tribos celtas mais conhecidas por sua importância foram os trinobantes, que ocupavam o que se conhece por Colchester; os brigantes, na atual Londres, e os icenos, atual Norfolk, de onde provém a rainha Boudica (VELASCO, 2016).

Como anteriormente mencionado, existem diversas grafias para o nome da Rainha Guerreira. Isso pode ser um indício da pouca importância que foi dada a ela no momento de registrar seus feitos nos *anais* da história. Se tratava de uma língua bárbara, com sons pouco compreensíveis, de forma que qualquer ruído aproximado poderia servir. Neste trabalho utilizo a grafia “Boudica”, com apenas um “c”, por ser a forma mais utilizada por Nic Fields (2011), Tais Pagoto Bélo (2014b) e Alejandro Bancalari, Alejandra Acevedo e María Fernanda Aedo (2010). Mas o que importa é uma coisa que os romanos provavelmente desconheciam: a palavra *bouda* em gaélico celta significa vitória, e essa seria a origem de Boudica (BÉLO, 2014b; BANCALARI; ACEVEDO; AEDO, 2010).

O fato é que, ao longo de todo o processo, os romanos olharam para os celtas como o império geralmente encara as colônias, sem procurar entender a cultura daqueles com quem estavam lidando. Não compreenderam que, ao firmar um trato com Roma, Prasutago estava confiando sua família e seu povo à proteção do imperador

Nero. Não fica claro o que aconteceu para que os romanos ignorassem o trato feito com Prasutago. Há três teorias: a) a interpretação deles acerca do que foi acordado era que, após a morte de Prasutago, as terras da tribo dos icenos passariam para os romanos; b) acreditavam que o testamento de Prasutago lhes dava brecha para escolherem o que receberiam; e c) há menção a uma dívida dos icenos para +com os romanos, após a morte de Prasutago, Boudica não conseguiu arrecadar o dinheiro devido, portanto, os romanos tomaram as terras como forma de garantia (MATYSZAK, 2013).

Conforme mencionado anteriormente, o retrato de Boudica, de acordo com os autores romanos da antiguidade, era o de uma mulher com fisionomia masculinizada. Comparavam as armas, os trejeitos de Boudica com os de um homem porque não suportavam o fato de estarem perdendo para um exército liderado por uma mulher.

Essa visão deturpada se deve ao fato de que Boudica não era compatível com o papel da mulher dos moldes da família romana, que deveria ser um ente periférico, sem voz ativa no ambiente público (BRAUND, 1996; BROWN, 1989). A diferença dos direitos da mulher entre uma sociedade e outra é destacada por Claudio Blanc:

Contrárias às gregas e romanas, as mulheres celtas tinham uma participação efetiva na sociedade. Apesar de ser uma cultura centrada na aristocracia guerreira, descobertas arqueológicas indicam que as mulheres podiam gozar de elevado status social. Antes da fusão da cultura celta com a romana, as mulheres tinham direito de exigir o divórcio e deixar o casamento com as propriedades que possuía quando solteira. Além disso, elas tinham todo o direito de se casar de novo. Há registros sobre mulheres que tomavam parte na guerra e no governo do seu povo, embora fossem a minoria. Talvez o melhor exemplo seja Boadicea. (BLANC, 2014, p. 14)

Ir para a guerra era algo natural para as mulheres celtas porque lutar era fundamental para a sobrevivência dessas tribos. Mas isso era estranho sob a perspectiva dos romanos, como destaca Trina Robbins (2004, p.2):

Quanto à parte de combate, as mulheres irlandesas lutaram frequentemente lado a lado com seus homens, especialmente quando lutavam contra invasores romanos. Os romanos, que pensavam em mulheres apenas como mães e objetos sexuais, ficaram fascinados com as mulheres guerreiras celtas e escreveram sobre elas. Diodoro Sículo registrou que “as mulheres são quase tão altas quanto os homens, a quem eles rivalizam em coragem”, e Amiano Marcelino disse que as esposas irlandesas eram ainda mais fortes do que seus maridos (ROBBINS, 2004, p.2, tradução nossa)⁶.

⁶No texto consultado: As for the fighting part, Irish women often fought side by side with their men, especially when battling Roman invaders. The Romans, who thought of women only as mothers and sex objects, were fascinated by Celtic women warriors, and wrote about them. Diodorus Siculus recorded that “the women are nearly as tall as the men, whom they rival in courage”, and Ammianus Marcellinus said that Irish wives were even stronger than their husbands.

Além de Boudica, outra mulher que quebrou o estereótipo do esperado pelos romanos foi Cartimandua, outra notável rainha celta da Idade do Ferro. Ela era líder dos Brigantes, tribo situada no norte da Bretanha. Ainda que seja contemporânea de Boudica, Cartimandua é considerada traiçoeira, imoral e adúltera por ter traído Carataco, líder de uma rebelião na ilha em 51 a.C.; enquanto Boudica era apresentada de maneira favorável. Quando Carataco veio até Cartimandua pedir ajuda, ela o prendeu e depois o entregou aos romanos, presume-se que por interesses políticos (SAVINO, 2002).

Tendo em vista que as mulheres celtas quebravam, em regra, o estereótipo de mulher frágil e submissa, Boudica vira um símbolo que na contramão do que é esperado de uma mulher, na percepção romana. Eles, principalmente Dião Cássio, descreveram Boudica como se fosse um homem, como se a punição por se comportar como um homem fosse a perda da feminilidade. Eles não aceitavam o fato de que a rainha guerreira tivesse o corpo, ou as características que Tânia Swain (2000) descreve do que se espera de uma “verdadeira mulher”, um ser sedutor, belo e implacável. Conforme Chassot, esse estereótipo da mulher como um ser inferior já existe na Grécia antiga, refletido no pensamento aristotélico que apresenta a mulher como um “ser incompleto”. Segundo essa ideia, a participação da mulher na geração de uma nova vida é apenas o de receber o espermatozoide do homem (CHASSOT, 2004).



Imagem 2: Boudica como representação do feminino

Fonte: <https://www.ancient-origins.net/history-famous-people/boudicca-celtic-queen-unleashed-fury-romans-part-2-002067>. Acesso em: 14 de junho 2019.

2.1.2 As Questões de Gênero

O grande fator cultural que impediu os romanos de reconhecerem e respeitarem Boudica como uma adversária extraordinária é o fato de ela ter sido uma mulher. Não fazia sentido em Roma pensar-se em uma mulher como sendo uma guerreira. Os romanos não sabiam que no direito iceno as mulheres podiam ser herdeiras. Para eles, Boudica era apenas a esposa de um rei morto, eles não a aceitariam como rainha legítima. Talvez por isso, acreditaram que após a morte de Prasutago eles deviam reaver aquilo que achavam ser seu. Foi para marcar poder que invadiram as terras dos icenos, açoitaram Boudica e estupraram suas filhas. Nesses conflitos por posse de territórios, é fato recorrente que qualquer violência perpetrada pelo lado que narra a ação é considerada legítima, enquanto que a violência por parte do lado oposto é vista como injustificada. Assim, os relatos romanos condenam a ferocidade dos celtas em batalha como prova de sua barbárie. Seja como for, o tom reprovador não apaga o registro de que Boudica assolou, destruiu, incendiou e extinguiu os três principais assentamentos romanos: Camulodunum (Colchester), Londinium (Londres) e Verulamium (StAlbans).

Como os celtas lutavam com pouca ou nenhuma roupa ou proteção, alguns combatentes levavam as cabeças decepadas dos vencidos a fim de aterrorizar seus inimigos. Inclusive, os celtas frequentemente atacavam nus, com o corpo coberto por uma tinta preta. Foi por isso que os romanos os chamaram de “os pretos”, e se referiam a sua terra como “Pretannia”, a “terra dos pretos”, ou Britânia [Britannia]. (BELO, 2014b; BLANC, 2014).

Segundo Dião Cássio (1995) Boudica liderou sua rebelião entre 60 e 61 d.C., destruindo diversas cidades e deixando milhares de romanos mortos pelo caminho. O governador da Bretanha na época era Suetônio Paulino, que fez o que pode para retomar o controle da situação. Com o tempo, após a chegada de muitos reforços, as tropas de Boudica foram dissipadas. A narrativa do desfecho da história varia. Segundo Cássio, a rainha morreu em decorrência de uma doença. O que difere de Tácito (2004), que diz que Boudica morreu por envenenamento.

Renato Pinto (2014), em conformidade com o que é descrito por Tácito (2004; 2012) e Cássio (1995), comenta que a partir da revolta de Boudica não ocorreram mais atritos entre bretões e romanos. A partir de então, o costume romano foi seguido pelos habitantes da ilha. As pessoas que lá viviam – e possuíam religião, costumes e tradições diferentes dos invasores romanos – precisaram assimilar o choque cultural foi

inevitável, some-se a isso o fato de que os romanos impuseram suas crenças e costumes às tribos que ali residiam. (PINTO, 2014; BÉLO, 2014a).

Ao contrário de Boudica, as mulheres romanas não pegavam em armas, ou seja, não iam para a guerra. Esse fato só mudou no final da República, início do Império, momento em que algumas romanas já ganhavam independência. Há exemplos de mulheres romanas com destaque no meio político, ainda que com limitações, como Lívia, mulher de Augusto; Messalina, mulher de Cláudio; e Agripina, mãe de Nero (GARDNER, 2008; ALDHOUSE-GREEN, 2014).

Em razão dessas diferenças, os romanos tinham dificuldade em aceitar as mulheres bretãs como líderes. Tanto Tácito (2004; 2012) quanto Cássio (1995) questionaram a competência de uma mulher para liderar um exército, como fez Boudica. Enquanto demonizavam Boudica pela sua aparência e pelo seu gênero, diziam que era uma vergonha os romanos serem derrotados por uma mulher. (CÁSSIO, 1995)

Em relação à Agripina, mãe de Nero, não houve essa tentativa de desprestigiar, mas mostrava-se uma certa surpresa quanto ao destaque e iniciativa que ela teve. Quando Agripina se fez presente em assuntos de Estado, Tácito (2004) registrou que a participação de uma mulher, para os padrões romanos, era novidade, principalmente quando ela se apresentou como parceira no comando do império.

Ainda que Agripina tenha se destacado nesse episódio, Susan Fischler (1994) informa que as mulheres do período entre os impérios de Júlio e Cláudio eram descritas como transgressivas, não cumprindo seu papel na sociedade. Além disso, Fischler discute a tradição literária de ter necessidade de referir-se a essas mulheres como pessoas que saíram fora dos padrões impostos pela sociedade da época. Como podemos perceber em Dião Cássio (1995), o que corrobora a ideia de Fischler, a descrição das mulheres, bem como de seus comportamentos, tinha finalidade de colocar em dúvida o caráter da mulher que fugia à regra, ao descrevê-la como uma transgressora.

Romanas como Lívia, Júlia e Agripina tiveram que sair do ambiente doméstico para lidar com o ambiente público, ou seja, deixaram seus afazeres dentro de casa para lidar com problemas antes resolvidos pelos homens. Pouco a pouco, elas tiveram que lidar com questões que envolviam, primeiramente, negócios da família, possuindo escravos e protegendo os emancipados. Em razão dessas pequenas atividades, o papel de patrona foi designado a elas. (FISCHLER, 1994; BÉLO, 2017)

De acordo com Gillespie, apesar do esforço feito para desmoralizar Boudica, a rainha guerreira foi-se tornando uma lenda. Assim como a Roma Antiga tinha orgulho

de seu patriarcado e condenava as mulheres que fugiam do papel imposto à elas, a Roma Imperial restringia a participação das mulheres na sociedade (GILLESPIE, 2018).

A partir dessa designação de diferentes papéis às mulheres e aos homens determina posições preestabelecidas na sociedade. A autora Joan Scott (1995) constata que a distribuição de papéis entre os gêneros se dá a partir de construções sociais. Scott ainda debate acerca da palavra “gênero”, que, segundo ela, enfatiza “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Seguindo essa ideia, “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p.72).

O fato de Boudica ser uma mulher guerreira era, para os romanos, indício da imoralidade dos celtas, que representavam uma coletividade incivilizada. Sendo Roma uma sociedade patriarcal, a imagem negativa de Boudica ajudava a alimentar o preconceito contra os celtas, assim como contra outros povos que não seguiam o que Roma considerava apropriado. Assim, vamos agora percorrer um apanhado de autores que se manifestam sobre essa situação.

2.2 BOUDICA DEPOIS DO IMPÉRIO ROMANO:

2.2.1 Os Anglo-saxões e os Normandos

O último imperador romano foi Rômulo Augusto, destituído em 476 d.C. pelo rei germânico Odoacro. Bem antes disso as tropas romanas começaram a deixar a Britânia, para atuarem na defesa de pontos do Império que eram consideradas mais importantes. Mesmo assim, não se pode dizer que Roma tenha deixado a ilha, pois a saída do exército coincidiu com a chegada dos missionários cristãos, que fundaram as igrejas nos vilarejos e, com o tempo, os mosteiros nos quais vasta literatura em latim começou a ser produzida.

Com o passar do tempo, a ilha recebeu um grande número de imigrantes do norte da Europa (anglos, jutos, saxões, frísios, entre outros), chamados de “os anglo-saxões”. A partir desse ponto a Britânia se tornou a “terra dos anglos” [Eng + Land], ou Inglaterra. À língua (inglês antigo), à literatura oral ou em latim, e à cultura locais foram acrescentadas as narrativas nórdicas de aventura, fantasmas e luta pela sobrevivência. Durante o período anglo-saxão, que se estendeu dos séculos V a X d.C., a Inglaterra era formada por um conjunto de cidades e vilas agrícolas, que não se aproximavam da

opulência cultural ou econômica das grandes potências do oriente ou do Mediterrâneo. Enquanto a vida transcorria pacífica, a história de Boudica foi-se mesclando a tantas outras lendas conservadas através da tradição oral.

Foi no ano de 1066, com a chegada dos normandos, através da vitória de Guilherme, o Conquistador, duque da Normandia, que o sistema feudal foi implantado na Inglaterra. Após algumas gerações, com as modificações naturais, o inglês antigo se tornou inglês médio. De acordo com Anthony Burgess, foi no período dos normandos – que falavam francês – que a língua inglesa tomou o seu formato atual, com 40% do vocabulário e das estruturas vindo da herança nórdica e 60% do latim (BURGESS, 1970).

2.2.2 Os Papéis de Gênero na Idade Média

O sistema feudal se estrutura e fortalece a partir de uma comunhão de interesses envolvendo o Estado e a Igreja. Nessa estrutura social, a transmissão de propriedade e de bens se dá na linhagem familiar, com a herança passada de geração a geração através do descendente homem mais velho de cada família. Dessa forma, quando se trata de grandes fortunas, ou mesmo de reinos, o nascimento de varões é imprescindível. As filhas mulheres são dadas em casamento mediante dotes, o que garante a união entre famílias que possuem interesses em comum.

A autora Maria de Fátima Guimarães (2005) também discorre acerca da construção social da concepção do que é ser mulher e do que é ser homem. Segundo a autora, essa construção tem por base uma cultura histórica que tem como ponto de partida a classe, raça, religião e a forma de inserção na sociedade. Conforme a explicação de Guimarães, podemos perceber que a construção do gênero na Idade Média não seria favorável à criação de mulheres fortes, determinadas e com vontade própria. Ao contrário, o ideal de comportamento feminino apresentado equacionava a feminilidade à submissão, à gentileza e à polidez. As mulheres deveriam ser cultas, amorosas e seu objetivo deveria ser harmonizar todos os interesses daqueles com quem conviviam.

Durante esse período, o comportamento de alguém como Boudica seria considerado nefasto, de forma que sua história era completamente desconhecida e ignorada. Nem mesmo o grande historiador britânico Geoffrey of Monmouth menciona o nome da rainha iceni em sua obra *History of the Kings of Britain*, publicada em 1136. Joan Scott (1995) menciona que até mesmo os historiadores excluem as mulheres

porque acreditam que a história é feita por homens. Eles não reconhecem a participação de mulheres no meio político. Dessa constatação, vem a ideia da separação dos meios público e privado (doméstico). A mulher fica encarregada de cuidar da casa, da família, é o símbolo da reprodução; enquanto o meio público, político, fica a cargo dos homens. Mesmo que as mulheres, porventura, possam ter cargos públicos, elas ainda serão as encarregadas do cuidado dos filhos, pois isso é o que se espera delas (SAFFIOTI, 1987).

2.3 O IDEAL DO AMOR CORTÊS

Leonor, Duquesa da Aquitânia (1122-1204) é certamente a exceção que confirma a regra. Numa época em que o ideal de comportamento feminino era o da docilidade e do recato, a vida dessa mulher notável em nada se enquadrava nos manuais de boa conduta feminina. Leonor foi Duquesa da Aquitânia e de Poitiers, Rainha da França e da Inglaterra e, na velhice, regente da Inglaterra. Teve duas filhas com Luís VII, rei da França, e oito filhos com Henrique II, da Inglaterra. Participou da Segunda Cruzada e teve uma vida repleta de aventuras surpreendentes.

Mas o motivo pelo qual ela é mencionada nesta monografia é sua atuação como patrona das artes durante seu período na corte da França, quando é iniciada a tradição conhecida como “amor cortês” [*amour courtois*], com uma série de atitudes consideradas as ideais para se narrar o amor em poemas e canções. Nessa tradição, o poeta se apresenta como um ser inferior, ao passo que sua musa inspiradora é retratada como uma deusa. A partir daí cria-se uma série de metáforas: os olhos da mulher amada são estrelas, seus lábios são rubros como a rosa, sua pele é aveludada como o pêssago, ela não caminha, mas flutua, sua voz é mais bela do que a música mais perfeita. Desse modo, qualquer mulher gostaria de ser cantada assim e prosa e verso, e não mediria esforços para que seu comportamento fizesse jus ao pedestal do ideal cortês.

O autor Pierre Bourdieu (2002) entende que no processo de evolução dos humanos, sempre é exercida uma violência simbólica suave, insensível e invisível, que convida as pessoas a se adaptarem a uma série de comportamentos propostos. São as relações sociais de poder. Essa violência sutil é capaz de passar despercebida para suas próprias vítimas através da comunicação e do desconhecimento de um sentimento, ou seja, de algum aspecto cultural passado de geração para geração que nunca foi questionado. Para Bourdieu, a designação de sociais vem desde a família e o sistema educacional, quando nos é apresentado como a sociedade espera que nos comportemos.

Para que isso se cumpra, utiliza-se a violência simbólica e de exclusão social, que, se apresentada de forma sutil, dificilmente será contestada. (BOURDIEU, 2002)

Voltando ao ideal do amor cortês, observa-se que quanto mais a mulher é idealizada e deificada na arte e na literatura, tanto mais diminui a sua influência na vida prática. Os manuais da Inquisição apresentam as mulheres como propensas ao mal, a maioria das bruxas afogadas ou queimadas são mulheres. Mesmo na literatura, se observarmos histórias de tradição milenar, como as lendas arturianas, verificamos que é na Idade Média que são acrescentadas retroativamente as histórias referentes à ruína causada a partir do ponto em que uma mulher entra no cenário. Camelot e a corte de Arthur estavam no apogeu quando ele casa com Guinevère e, a partir do pecado representado pela atração da rainha pelo cavaleiro Lancelot, todo o esforço civilizatório e de unificação dos reinos empreendido por Arthur cai por terra. O mesmo se dá com a história de Tristão e Isolda. A mulher surge como instrumento do mal e desestrutura tudo o que vinha sendo criado para o bem, a duras penas. Assim, o melhor que todos têm a fazer é aceitar o fato de que a natureza feminina precisa ser mantida sempre sob controle. Ou, como dizem Lima e Mélo, a concepção de gênero é relativa, essa construção social do que é esperado das mulheres e dos homens é uma forma de justificar a relação de poder que se estabelece. Nesse sentido, os autores defendem que sexo e gênero são conceitos construídos dentro das relações sociais de poder (LIMA & MÉLLO, 2012).

Durante o período medieval, várias lendas antigas foram resgatadas e transformadas em clássicos da literatura de língua Inglesa. Monges anglo-saxões no século IX escreveram a história de *Beowulf* em inglês antigo. Menestréis consagraram a imagem de Robin Hood. As lendas arturianas foram escritas em inglês médio por Thomas Malory, em *Le Morte d'Arthur* (1485). Mas, por motivos fáceis de entender, o silêncio sobre Boudica permaneceu. Para piorar a situação, o século XV foi a época de Joana d'Arc. Durante a Guerra de Cem Anos ocorrida entre a França e a Inglaterra, essa menina camponesa informou a todos que o Arcanjo Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida haviam surgido em uma visão e a conclamaram para ajudar o rei francês Carlos VII na campanha contra os ingleses. O rei então deu um exército para a moça, que acabou sendo presa pelos ingleses e condenada à fogueira, por bruxaria, aos dezanove anos de idade.

Essa ideia da mulher como instrumento do mal encontrava respaldo em ampla bibliografia canônica. Santo Agostinho (350-430 d.C.) de Hipona, por exemplo, um dos

mais influentes doutores da Igreja, sedimentou a ideia de que a mulher provoca o mal, com base no Livro do Gênesis, com a criação de Adão e Eva, quando a mulher é enganada pela serpente e induzida a morder o fruto da sabedoria (CHASSOT, 2004). Por conta do erro cometido, todos, a mulher, o homem e toda a criação passam a sofrer privações e limitações. Após o cometimento do primeiro pecado, na história bíblica, uma das punições que a mulher recebe é ficar sob o domínio do homem. Esse episódio também foi responsável pela divisão dos papéis entre mulheres e homens, porque Deus atribuiu o papel doméstico à mulher e o papel de chefe familiar ao homem (SILVA, 2011).

2.4 BOUDICA E A RENASCENÇA INGLESA

Sempre chega o dia em que tudo muda, de acordo com a teoria do movimento pendular da história (WHITROW, 1993). No caso da Inglaterra, isso ocorre durante o reinado da Rainha Elizabeth Tudor (1558-1603). Apesar dos esforços de seu pai Henrique VIII para deixar o reino sob o comando de um herdeiro homem, o período de seu filho Eduardo VI foi curto e fraco, tendo sido seguido por três rainhas: a Rainha Jane (que reinou por apenas nove dias); a Rainha Mary I (numa regência de cinco anos) e a Rainha Elizabeth I (durante 45 anos).

Não resta dúvidas de que Elizabeth I está entre os três ou quatro maiores monarcas ingleses. Ao criar a Igreja Anglicana e conceder liberdade de culto aos cidadãos, ela pôs fim a uma sequência de guerras religiosas. A partir dali economia floresceu – não sem grande ajuda dos piratas ingleses, que pilhavam galeras que transportavam bens das colônias americanas para Portugal e Espanha. Quando a Espanha, enfurecida, declarou guerra, em 1588, a frota inglesa derrotou a Invencível Armada e desbancou a Espanha como maior economia do mundo.

Essa época ficou conhecida como a Renascença Inglesa, ou “Merrie England”, ou Era Elizabetana. Esse é o tempo de William Shakespeare e de uma euforia e prosperidade nunca antes experimentadas. Quando percebeu que se esperava que Elizabeth – a Inglaterra – escolhesse entre casar-se com a Espanha, a França ou a Escócia, a rainha surpreendeu a todos declarando que abria mão de casar, em prol de ser a monarca de fato em seu país. Foi assim que ela se tornou a Rainha Virgem. Não que fosse virgem ou fizesse voto de castidade, o que ocorre é que ela abriu mão de gerar seu próprio descendente, legando o trono James Stuart, filho de sua prima Mary, a Rainha da Escócia. No filme *Elizabeth*, de 1998, há uma cena em que a rainha se deixa pintar

toda de branco, para representar que a partir dali ela passa a representar o centro de adoração da figura feminina. A Rainha Virgem passa a substituir a Virgem Maria, numa Inglaterra que passa a ser protestante, numa configuração que diminui ainda mais o espaço reservado para o culto ao sagrado feminino.

Elizabeth foi muitas vezes comparada à Rainha Boudica, por se desviar de tudo aquilo que era esperado do comportamento de uma mulher, e por também ela ser uma rainha guerreira. (HINGLEY; UNWIN, 2006).

Em 1707, quando da assinatura do Ato de União, que unificava os reinos da Inglaterra e da Escócia, a imagem de Boudica ressurgiu de maneira inesperada, na figura de Britannia, uma alegoria feminina que representa o Reino Unido. Desde então, sua imagem aparece perfilada em uma das faces das moedas inglesas. Essa figura, também associada à deusa Minerva, serviu como modelo para alegorias femininas de outros países, como a Marianne francesa ou a República brasileira, ou a Columbia estadunidense, que inspirou a Estátua da Liberdade.

Britannia é representada como uma mulher jovem, forte e bonita, portando o capacete de um centurião e embrulhada em uma veste branca, com seu seio direito à mostra. É usualmente mostrada com um tridente e um escudo, ladeada por um leão. A semelhança entre Britannia e a Rainha Boudica podem ser verificadas nas duas imagens abaixo. A primeira apresenta a estátua de Britannia no memorial da Armada Nacional, em Plymouth.



Imagem 3: Britannia

Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/dd/Britannia-Statue.jpg/800px-Britannia-Statue.jpg> Acesso em: 14 de jun. 2019.

A imagem seguinte mostra uma grande estátua de bronze que foi encomendada no período vitoriano pelo Príncipe Albert, consorte da Rainha Vitória. O monumento se localiza em frente às Casas do Parlamento, perto do Big Ben. Mostra Boudica em uma biga romana, com a coroa que marca sua posição de rainha, portando uma lança e protegendo as duas filhas.



Imagem 4: Boadicea Monument

Disponível em: <https://www.history.com/news/who-was-boudica> Acesso em 14 de junho 2019

Desta forma, acompanhamos – ainda que de maneira rápida e superficial – os cerca de dois mil anos em que a história de Boudica integra a história da Inglaterra. Sua imagem – muitas vezes invisível – está, todavia, sempre presente, assim como a herança celta que ela representa. Foi somente a partir do século XVIII, através de estudos arqueológicos, que a história e as tradições celtas e sua influência na cultura britânica começaram a ser valorizadas. Na virada dos séculos XIX e XX ocorreu na Irlanda a *Celtic Revival*, liderada pelo escritor William Butler Yeats e por Lady Gregory, que busca resgatar a língua gaélica e uma série de lendas até então esquecidas (FOSTER, 1997). A retomada desta tradição, juntamente com o prestígio sempre mantido pelas lendas arturianas – juntada à tradição nórdica e à greco-romana – muito contribuiu para o reconhecimento da formação da tradição literária de língua inglesa. Atualmente há inúmeras obras de ficção histórica, livros, filmes e seriados de televisão que investem nesse legado celta que por muito pouco não foi perdido (ZUTIN, 2013; BLANC, 2014; FIELDS, 2011).

3 BOUDICA SOB A PERSPECTIVA DE TAÍS PAGOTO BÉLO, HISTORIADORA DO SÉCULO XXI

Após acompanhar a figura histórica de Boudica desde a perspectiva dos primeiros historiadores que se interessaram em retratá-la e passando pela discussão de questões relacionados ao gênero e ao ideal feminino, faz-se pertinente observar a perspectiva de uma historiadora do século XXI para trazer a discussão para uma perspectiva atual. Em razão disso, este capítulo se ampara em textos de Taís Pagoto Bélo. Bélo é graduada em História pela UNESP, mestre em Arqueologia pela USP e doutora pela UNICAMP. A escolha por Taís Pagoto Bélo se deu pela quantidade de artigos encontrados, além do fato de Boudica ter sido o objeto de estudo de doutorado de Bélo, intitulado *Boudica e as Facetas Femininas ao Longo do Tempo: Nacionalismo, Feminismo, Memória e Poder* (BÉLO, 2014a).

3.1 BOUDICA, POR BÉLO

Segundo Taís Pagoto Bélo, a concepção de verdade que existia antes do século XX deu lugar para as perspectivas sociais e culturais, “as quais percebem os indivíduos e práticas como construções discursivas” (2011, p.45). Em razão disso, a história passa a ser mais democrática e começa-se a desconfiar das verdades que antes eram tidas como absolutas. Além da mudança de concepção sobre as verdades, há o fato de que os estudos de gênero floresceram, abordando sob novos ângulos a história das mulheres. Isso gerou uma renovação no papel da mulher na sociedade. Antigamente a função das mulheres era se dedicarem à maternidade; hoje em dia elas também se dedicam a ter uma carreira (BÉLO, 2011).

Sob essa nova ótica, os textos de Tácito e Cássio adquirem novos pontos de interesse. O “como” a história de Boudica é contada por eles se torna tão interessante quanto os fatos que eles narram, ou omitem, ou distorcem. Fica claro que seu objetivo era explicar aos romanos os eventos ocorridos entre Boudica e o povo romano, ressaltando a força e os grandes feitos do Império. Adicione-se a isso o fato de ambos os escritores fazerem parte de uma sociedade que não tinha costume de ver mulheres liderando um exército. Foi por isso que os dois descreveram Boudica de uma forma tão masculinizada e estereotipada, para desacreditar o seu potencial de liderar (BÉLO, 2011).

Além da demonização da aparência física de Boudica pelos historiadores, não se deve esquecer que os soldados romanos foram responsáveis de pela degradação física da rainha e suas filhas. De acordo com a estudiosa da antiguidade Marguerite Johnson, o que ocorreu com as filhas de Boudica não foi só o pior tipo de humilhação que pode expor a “ferocidade imperial”, mas também pode ser considerado uma lição que ensina o que acontece com uma mulher que ousa “desprezar os romanos” (JOHNSON, 2012, p.46-47).

Considerado um ato comum em contextos de hostilidade, o estupro tem por objetivo marcar pela violência, pelo abuso, o controle de quem comete o ato sobre suas vítimas (BÉLO, 2014a). O estupro também carrega o risco de gravidez da vítima que, segundo Johnson (2012), poderia assim reforçar a força do Império através do nascimento de um descendente bastardo romano. Além disso, há de se levar em conta que estamos falando das filhas de um rei e de uma rainha, meninas que, provavelmente, eram virgens e representavam o futuro de uma da tribo dos icenos. Elas carregariam a lembrança da agressão pelo resto de suas vidas (ALDHOUSE-GREEN, 2014).

No contexto cultural dos romanos, a visão de mundo que eles tinham era a da conquista e da dominação, ou seja, as invasões carregavam o significado da imposição da força. Por essa razão, os romanos acreditavam que podiam ameaçar os reinos clientes, como era o caso do reino dos icenos (FIELDS, 2011). Ainda de acordo com Nic Fields, esse pensamento dos romanos demonstrava os seres “pedantes, patriarcalistas, brutais e ocasionalmente psicopatas” que eles eram (FIELDS, 2011, p.7).

Foi em resposta à essa agressão que, a maioria dos autores aqui estudados, acreditam que a rebelião começou. Ademais, é interessante recordar o episódio bárbaro que Dião Cássio (1995) relata, acusando Boudica e sua tribo de cortarem os seios das mulheres nobres romanas e costurá-los em suas bocas. Segundo Miranda Aldhouse-Green (2014), essa mutilação foi uma resposta na mesma moeda ao estupro que as filhas de Boudica sofreram.

3.1.1 Representação Contemporânea de Boudica

A história de Boudica carrega representações que até hoje se encaixam em contextos sociais com relação a questões de gênero. Essa memória da rainha guerreira é alimentada de tempos em tempos, a fim de manter vivo o imaginário daquilo que ela representa para a sociedade. Por essa razão, assim como a propaganda Tudor do período da Rainha Elizabeth I, outras personalidades trouxeram Boudica para o seu presente,

bem como personagens importantes da história foram comparadas à rainha celta (BÉLO, 2014c).

A Rainha Elizabeth I foi a primeira a utilizar a imagem de Boudica e a ser comparada a ela. Depois houve comparações em relação à Rainha Vitória, pois Boudica simboliza a independência dessas mulheres, assim como a projeção política que elas alcançaram. Mais recentemente, Boudica foi novamente lembrada ao servir como comparação a ex-primeira ministra Margaret Thatcher. Essas três figuras femininas, assim como a rainha celta, foram muitas vezes criticadas por suas decisões políticas e posturas governamentais, provavelmente por serem mulheres (BÉLO, 2014a).

Um exemplo dessas representações aparece em uma charge feita por George Gale em 1987, que compara Thatcher com Boudica. (Imagem 5) No desenho, a ex-primeira ministra está percorrendo o mundo guiando uma carruagem.



THE BRUGES SPEECH AS REPORTED BY THE DAILY TELEGRAPH - DRAWN BY THE RESPECTED POLITICAL CARTOONIST GEORGE GALE

Imagem 5: Charge sobre Margaret Thatcher

Fonte: BÉLO, 2014a.

Ainda que, na história, Boudica tenha se perpetuado como uma rainha guerreira que quebrou as barreiras do estereótipo de gênero, conforme visto através dos autores até aqui estudados, a imagem de Margaret Thatcher retratada em uma carruagem, como Boudica, foi feita para desmoralizá-la em certo nível. Assim como Cornélio Tácito e

Dião Cássio fizeram com Boudica na antiguidade, jornalistas da nossa época fizeram o mesmo com Thatcher (BÉLO, 2014a).

Em 1972, o jornal *The Sun* questionou se Margaret Thatcher era humana, uma pergunta que foi utilizada na contracapa da biografia escrita por Brenda Maddox em 2003. Norman St. John Stevas também fez comentários a respeito de sua figura política, chamando Thatcher de “Átila, a Galinha” ou “A abençoada Margaret”. Por causa disso, ele acabou perdendo seu posto no ministério. Ainda, Alan Clark se referiu a Thatcher ironicamente como *The Lady*, em sua obra *Diaries* (ALDHOUSE-GREEN, 2014; BÉLO, 2014a)

Thatcher foi comparada a Boudica durante e após a Guerra das Malvinas, quando intitularam a ex-primeira ministra de *The assassin with the golden hair* (A assassina com o cabelo dourado), ganhando um capítulo no livro de John Sergeant (2012, p.39). Além disso, Thatcher ganhou o apelido de *The Iron Lady* (A dama de ferro), termo que, segundo Miranda Aldhouse-Green (2014), a descrevia ao mesmo tempo com feminilidade, mas ainda assim cruel e fria como o aço.

3.1.2 Movimento Feminista

Quando o movimento feminista ganhou força, as mulheres reivindicaram a liberdade do voto. Nessa época, as sufragistas britânicas utilizaram a estátua de Boudica à frente do Parlamento Britânico (Imagem 4) como símbolo de sua luta e como representação do feminino (BÉLO, 2011). Segundo Taís Pagoto Bélo, o uso da estátua foi uma estratégia bastante feliz, uma vez que pela posição em que o monumento se encontra, ele parece estar avançando sobre o Parlamento (BÉLO, 2011).

A partir do século XX, com o declínio do Império Britânico, as obras escritas sobre Boudica começaram a tomar outra proporção entre escritoras. Nessa mesma época, a estátua de Boudica (Imagem 4) deixa de ser um símbolo do Império para se tornar a representação da força da mulher (BÉLO, 2011). O monumento exposto em Londres em homenagem a Boudica se tornou também ponto de encontro das Sufragistas. Panfletos e cartazes eram utilizados com menção à rainha guerreira durante as reivindicações do movimento, conforme figura ilustrativa abaixo. (Imagens 6 e 7) (BÉLO, 2011).



Imagem 6: Banner comemorativo das sufragistas (1908)

Disponível em: <https://www.museumoflondonprints.com/image/177694/mary-lowndes-suffrage-banner-commemorating-boadicea-1908>. Acesso em 24 jun. 2019.

A estátua, inclusive, é ponto de encontro das feministas até os dias de hoje. *Climate Rush*, criado em 2008, é um dos grupos que se reúnem no monumento para lutar por direitos das mulheres e a favor do meio ambiente (BÉLO, 2014a).



Imagem 7: Grupo *Climate Rush* se reúne no monumento em homenagem a Boudica Disponível em: <http://www.ameliasmagazine.com/earth/climate-rush-bike-rush-1/2009/06/04/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Existe também uma rua em Londres com o nome de Boadicea. Outro reflexo da magnitude de Boudica é o fato de que o carimbo dos correios de Londres (Imagem 8)

vem com o nome dessa rua inserido no símbolo do feminino, o que denota a importância da rainha guerreira para o movimento feminista (BÉLO, 2014a).



Ref L11128
Boadicea Street, London N1

Imagem 8: Carimbo dos correios em homenagem a Boudica
Disponível em: http://www.norphil.co.uk/2008/10a-women_of_distinction.htm. Acesso em 24 jun. 2019.

3.1.3 Monumentos em Homenagem a Boudica

Além da estátua em Londres (Imagem 4), há mais três no Reino Unido: uma em Cardiff (País de Gales) e duas em Colchester (Inglaterra). Em Cardiff as raízes bretãs ainda são cultivadas. Uma prova disso é a cidade ser bilíngue, tendo como idiomas o inglês e o gaulês (BÉLO, 2014a). O monumento de Boudica em Cardiff foi feito em mármore, em 1916. Está situado no prédio da prefeitura, próximo a importantes locais públicos (Castelo de Cardiff, Museu Nacional, Universidade de Cardiff e Galeria de Gales). Isso se deve ao respeito que têm por Boudica por ela ter liderado um exército para vingar os atentados contra o seu povo (BÉLO, 2014a).



Imagem 9: Monumento de Boudica no Marble Hall, em Cardiff

Disponível em: <http://www.waymarking.com/gallery/image.aspx?f=1&guid=312dfa01-9ac8-40a7-9b36-472ff0b837f2&gid=3>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Nessa imagem (Imagem 9), diferentemente do monumento que se encontra em frente ao Parlamento Britânico, em Londres, Boudica aparece como uma mãe zelosa e não como uma guerreira. Contudo, ambas as estátuas estão localizadas em um espaço político que denota poder, bem como são responsáveis por relembrar ações que vieram de uma mulher (BÉLO, 2014a).

Já em Colchester, Boudica é homenageada em dois monumentos. O primeiro, datado de 1999 e feito por Jonathan Clarke, está próximo à rotatória da estação de trem de Colchester (BÉLO, 2014a).



Imagem 10: Estátua de Boudica em Colchester

Disponível em: <https://br.depositphotos.com/7902467/stock-photo-statue-of-boadicea.html>. Acesso em: 24 jun. 2019.

A outra estátua de Boudica (Imagem 11) de Colchester está localizada em outro espaço público: a prefeitura. Mais uma vez isso reflete a importância de Boudica, e, principalmente, evolução política que sua imagem teve através do tempo.



Imagem 11: Monumento de Boudica na prefeitura de Colchester

Disponível em: <https://www.visitcolchester.com/explore/boudica-queen-of-iceni.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Levando em consideração o contraste entre a forma como os autores clássicos apresentaram Boudica e a evolução da interpretação histórica sobre sua relevância, percebemos que os relatos mostram mais sobre a maneira como os historiadores pensam, em suas respectivas épocas, do que sobre as mulheres retratadas. Isso fica muito claro quando acompanhamos a trajetória de Boudica. Essa maneira de retratar as mulheres deve-se ao contexto cultural em que cada sociedade está inserida, a partir da maneira como as relações de gênero e poder são construídas. De acordo com Taís Pagoto Bélo e Pedro Paulo Abreu Funari (2017), o poder geralmente estava ligado ao homem, por isso toda vez que uma mulher se destacava e tinha acesso a esse poder, era vista como transgressora da construção social de relações de poder que estava em vigor (BÉLO, 2017; FISCHLER, 1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o exposto, percebe-se que a interpretação histórica depende da perspectiva de quem está analisando os fatos, por isso as verdades não são absolutas. Quem analisa está conectado ao contexto em que vive, ao tempo, às próprias vivências e à sua própria ideologia e crenças. Por isso, quando estudamos Boudica com base em Cornélio Tácito e Dião Cássio, autores romanos clássicos, com o instrumental teórico dos dias atuais, podemos compreender o fato de que a rainha não foi levada a sério, bem como os motivos por que isso ocorreu. Tácito não conseguia descrever Boudica como líder, enquanto Cássio diminuía sua feminilidade e a retratava como uma aberração, criando uma Boudica com feições masculinizadas, pois não aceitava o fato de romanos perderem em batalhas para uma mulher celta. Houvesse ela sido um homem romano a desafiar o próprio império, não haveria dúvidas sobre como era escrito ou pronunciado o seu nome, sobre quantos dias, meses ou anos haveria durado o levante, ou sobre quando, como e por que ele teria morrido.

Após percorrer os primeiros relatos acerca de Boudica feitos pelos historiadores clássicos, conforme o tempo foi passando, podemos perceber como, aos poucos, a trajetória da rainha guerreira foi sendo apagada, escondida da história e da literatura. Esse silêncio se intensificou durante a Baixa Idade Média, entre os séculos XII e XV. Por motivos culturais e econômicos, nessa época ocorre uma separação marcada entre a história de homens e mulheres, conforme informa Joan Scott (1995). Para a manutenção da estrutura feudal era importante que os homens herdassem as propriedades e fizessem os acordos necessários para manter e fortalecer o patrimônio familiar. O papel das mulheres era o de selar esses tratos através do matrimônio, gerando novos herdeiros homens para perpetuarem suas linhagens.

Como todos os ciclos têm um início, um meio e um fim, chegou também o tempo em que o sistema socioeconômico que predominou durante a Idade Média começou a enfraquecer. O maior golpe pode ter sido a Peste Negra, que a partir do século XIV matou dois quintos da população da Europa, enfraqueceu a aristocracia e a elite intelectual do clero e tornou insuficiente o número de braços camponeses que aravam a terra. Nos séculos seguintes surgem os questionamentos religiosos e os ideais igualitários.

No Período Elisabetano, que é assim chamado devido à ascensão de Rainha Elizabeth I, ressurgiu a imagem de Boudica, que passa a ser associada desde então a

mulheres fortes que exercem cargos de poder, como ocorreu também com a Rainha Vitória, no século XIX, e mesmo com Margaret Thatcher, recentemente. Além disso, Boudica foi trazida para o movimento feminista pelas sufragistas, como representação da força feminina, como uma mulher que não aceitou o destino que lhe impuseram, uma mulher que se ergueu contra um sistema.

Por fim, contemporaneamente, é perceptível o crescimento de pesquisas acerca da rainha guerreira. Mesmo apesar do descaso para com os registros históricos ligados à tradição celta, o interesse por Boudica vem crescendo no ambiente acadêmico, não apenas em relação a sua história, mas também nas literaturas e nas artes. Foi por isso que, na terceira seção da monografia, resolvi apresentar as ideias de Taís Pagoto Bélo, como uma homenagem a essa profissional que dedicou sua vida acadêmica aos estudos sobre Boudica, desenterrando tudo aquilo que um dia esteve escondido. A imagem de Boudica não se limita a uma guerra que foi vencida ou perdida, ela transcende a história para se tornar um símbolo para sua própria terra, para os estudos de gênero, para a história das mulheres que um dia tentaram esconder dos olhos do mundo.

REFERÊNCIAS

- AALDERS, Gerhard Jean Daniël. Cassius Dio and the Greek world. *Mnemosyne*, v. 39, fasc. 3/4, p. 282-304, 1986.
- ADLER, Eric. Boudica's speeches in Tacitus and Dio. *Classical world*, v. 101 n. 2, 2008, pp. 173-195.
- ALDHOUSE-GREEN, Miranda. *Boudicca Britannia*. New York: Routledge, 2014.
- AMELIA'S MAGAZINE [online]. *Climate rush bike rush*. Disponível em: <http://www.ameliasmagazine.com/earth/climate-rush-bike-rush-1/2009/06/04/>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- ANCIENT ORIGINS [online]. *Boudicca, the Celtic queen that unleashed fury on the Romans – Part 2*. Disponível em: <https://www.ancient-origins.net/history-famous-people/boudicca-celtic-queen-unleashed-fury-romans-part-2-002067>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- BANCALARI, Alejandro; ACEVEDO, Alejandra; AEDO, María Fernanda. *Búdica y su pugna por lalibertadenlaBritaniaromana: 60 - 61 d. C.* 2010. 81f. Monografía (Licenciatura) - Universidad del Bio-Bio, Chile, 2010.
- BARNES, Timothy David. The composition of Cassius Dio's Roman history. *Phoenix*, v.38, n. 3, p. 240-255, 1984.
- BEHN, Aphra. *Oroonoko*. New York, Norton, 1997.
- BÉLO, Taís Pagoto. A Britannia e suas mulheres. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p.176-192, 2017.
- _____. *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*. 2014. 261f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014a.
- _____. Boudica em mulheres escondidas pela história. *Revista E. F.e H. da Antiguidade*, Campinas, n.28, jul./dez., 2014b.
- _____. Boudica e o uso de sua figura feminina. *Revista Arqueologia Pública*, n. 4, Campinas, 2011.
- _____. Um estudo preliminar sobre Boudica e a memória coletiva britânica. *Cadernos do Lepaarq*, v. XI, n. 21, 2014c.
- BÉLO, Taís Pagoto; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. As romanas e o poder nos *Anais* de Tácito. *Revista Clássica*, v. 30, n. 2, p.75-90, 2017.
- BICEGLIA, Tânia Regina. *A mulher e a evolução histórica de suas conquistas na legislação civil e constitucional brasileira*. 2002. 95f. Monografia (Bacharelado) -

Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”, Faculdade de Direito, Presidente Prudente, 2002.

BLANC, Claudio. A magia da mitologia Celta: os Tuatha de Danann, magos, fadas, gnomos e duendes. *Revista guia da mitologia celta*. São Paulo: Ed. OnLine, v.1, 2014

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2.ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAUND, David. *Ruling Roman Britain: Kings, queens, governors and emperors from Julius Caesar to Agricola*. London: Routledge, 1996.

BRITANNIA. *Imagem 3: Britannia*. WIKIPEDIA. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/dd/Britannia-Statue.jpg/800px-Britannia-Statue.jpg> Acesso em 23 jun. 2019.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In: VEYNE, Paul. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURGESS, Anthony. *English literature*. London: Longman, 1970.

CÁSSIO, Dião. *Roman history*. Cambridge: Harvard University: 1995.

CEOLA, Adriele Andrade; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Histórias de Tácito: um estudo do poder imperial de Vitélio. *Anais... XII Jornada de Estudos Antigos e Medievais*. Universidade Estadual de Maringá, 2013.

CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim senhora. In: *Contexto e Educação*. ano 19, no. 71-72. Editora UNIJUÍ, jan./dez. de 2004.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. New York: Norton, 2. Ed, 1992.

DEPOSIT PHOTOS [online]. *Metal estátua da rainha guerreira Boadicea em Colchester*. Disponível em: <https://br.depositphotos.com/7902467/stock-photo-statue-of-boadicea.html>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ELIZABETH. Dirigido por ShekharKapur. Com Cate Blanchett, Geoffrey Rush, Joseph Fiennes e outros. Working Title. 1998. 124 min. Dolby Digital. Cor. 1 DVD.

FIELDS, Nic. *Boudicca's rebellion AD 60–61: The Britons rise up against Rome*. Ilios Publishing Ltd: Oxford, UK, 2011.

FISCHLER, Susan. Social stereotypes and historical analysis: the case of the imperial women at Rome. In: ARCHER, Leonie J.; FISCHLER, Susan; WYKE, Maria. *Women in ancient societies*. New York: Routledge, 1994. p.115-133.

FOSTER, R. F. W. B. *Yeats: a life*. Vol. I. Life, V (1997).

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma TannusMuchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GILLESPIE, Caitlin. *Boudica warrior queen: how a widowed queen became a rebel warrior, defying Roman patriarchy, and leading her people to glory even in defeat*. Disponível em: <<https://aeon.co/essays/boudica-how-a-widowed-queen-became-a-rebellious-woman-warrior>>. Acesso em 04 mai. 2019.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. Trajetória dos feminismos: uma introdução a abordagem de gênero. In: MARTÍN, Márcia Castillo; OLIVEIRA, Suely de. (Org.) *Marcadas a ferro*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p.77-92.

HINGLEY, Richard; UNWIN, Christina. *Boudica: Iron age warrior queen*. Hambledon Continuum: London, 2006.

HISTORY [online]. *Who was Boudica?* Disponível em: <https://www.history.com/news/who-was-boudica>. Acesso em: 21 jun. 2019.

IMDb [online]. *Norman St. John Stevas*. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm1494332/bio?ref_=nm_ov_bio_sm Acesso em 24 jun. 2019.

LIMA, Bruno Soares. A construção retórica da rainha Boudica como mulher na história romana de Dião Cássio. *Revista Ágora*, Vitória, n.26, p.160-172, 2017.

LIMA, Maria Lúcia Chaves; MÉLLO, Ricardo Pimentel. As vicissitudes da noção de gênero: por uma concepção estética e antiessencialista. *Revista Gênero na Amazônia*. Belém, n.1, jan./jun., 2012.

MATUSZAK, Philip. *Os inimigos de Roma*. Tradução de Sonia Augusto. Editora Amaryllis, 2013.

MONMOUTH, Geoffrey of. *History of the kings of Britain*. Tradução de Aaron Thompson. Ontario: Medieval Latin Series, 1999.

MUSEUM OF LONDON. *Suffrage banner commemorating Boadicea*. Disponível em: <https://www.museumoflondonprints.com/image/177694/mary-lowndes-suffrage-banner-commemorating-boadicea-1908>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NICE, Alex. Boudica. In: BAGNALL, Roger et al. *The encyclopedia of ancient history*. First Edition. Blackwell Publishing: 2013. p.1174-1175

NORVIC PHILATELICS [online]. *Women of distinction*. Disponível em: http://www.norphil.co.uk/2008/10a-women_of_distinction.htm. Acesso em: 24 jun. 2019.

OGAWA, Milena Rosa Araújo. *Tácito e a retórica da decadência: um estudo sobre memória, identidade e educação à época de Domiciano*. 2017. 201f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Universidade de Pelotas, 2017.

PASCHOAL, Stéfano. Tradução da carta de Sêneca sobre a diversidade na leitura. *Revista Trama*, v. 3, n. 5, p. 195-200, 2007.

PAES, Elpídio Ferreira. Estrutura e Evolução da Família Romana. *Revista da Faculdade de Direito de Porto Alegre*, ano V, n. 1, 1971.

ROBBINS, Trina. *Wild Irish roses: tales of Brigits, Kathleens, and warrior queens*. Newburyport: Conari Press, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. 11.ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SAVINO, Heather Payne. *The lives of ancient Celtic women*. Disponível em: <<http://www.celtlearn.org/pdfs/women.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação; Realidade*. Porto Alegre, n.2, v.20, p.71-99, jul./dez., 1995.

SERGEANT, John. *Maggie: her fatal legacy*. London: Pan Macmillan, 2012.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Revista Direito em Foco*, 2011. Disponível em: http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf. Acesso em: 17 jun. 2019.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. *Textos de História*, v.8, n. 1/2, 2000.

TÁCITO, Cornélio. *The Germany and the Agricola* (English Edition). A Public Domain Book. 2013. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/7524/7524-h/7524-h.htm>. Acesso em: 29 jun. 2019.

_____. *The annals*. Traduzido por A.J. Woodman. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc, 2004.

VELASCO, Manuel. *Breve historia de los celtas*. Madrid: Nowtilus, 2016.

VISIT COLCHESTER [online]. *Boudica*. Disponível em: <https://www.visitcolchester.com/explore/boudica-queen-of-iceni.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ZUTIN, Rosyléa Rodrigues. *Celtas*. Disponível em: <<https://www.academia.edu/32042889/Celtas.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

WAY MARKING [online]. *Boudica* - City Hall - Cardiff, Wales. Disponível em: <http://www.waymarking.com/gallery/image.aspx?f=1&guid=312dfa01-9ac8-40a7-9b36-472ff0b837f2&gid=3>. Acesso em: 24 jun. 2019.

WHITROW, G. J. *O tempo na história*. Tradução de Borges MLXA. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

WOODMAN, A. J. Introduction. In: TÁCITO, Cornélio. *Annals*. Traduzido por A.J. Woodman. Indianapolis: HackettPublishingCompany, Inc, 2004.